

Jorge Luís Maia **Morais***Prefeitura Municipal de Fortaleza - Fortaleza/CE, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3025-5405>jorgeluismm6@gmail.comDanila Dias **Cordeiro****Prefeitura Municipal de Fortaleza - Fortaleza/CE, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0280-9340>daniladiascordeiro@gmail.comEvanira Rodrigues **Maia*****Universidade Federal do Cariri / Universidade Regional do Cariri - Crato/CE, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9377-7430>evanira.maia@urca.brRosely Leyliane dos **Santos******Universidade Regional do Cariri - Crato/CE, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3908-8834>rosely.enfa@yahoo.com.brRogênia Rocha **Nascimento*******Universidade Regional do Cariri - Crato/CE, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7422-8348>rogeniarocha@hotmail.com

Quem enxugará minhas lágrimas?

Apontamentos sobre luto e orfandade na pandemia de covid-19 à luz da teoria do apego

RESUMO

Revisão integrativa que objetivou compreender, à luz da Teoria do Apego, o impacto da perda dos genitores na saúde mental de crianças órfãs decorrente da pandemia de covid-19. Realizaram-se buscas no período de março a abril de 2022, nas bases de dados: CINAHL, PsycNET, Pubmed, Scopus e Web of Science. Dos 121 artigos inicialmente reportados, apenas cinco estudos atenderam aos critérios de inclusão. Estima-se que mais de 5 milhões de crianças tenham ficado órfãs pelo SARS-CoV-2 em todo o mundo, com prevalência de órfãos paternos, bem como de egressos de grupos familiares com condições socioeconômicas menos favorecidas. Também foram encontradas divergências no número de órfãos entre os países. Luto complicado, quadro depressivo e transtorno de estresse pós-traumático são apontados como os principais impactos psicossociais da perda parental. Dadas as poucas evidências encontradas e a fonte de dados secundária dos estudos avaliados, não se pode fazer generalizações, haja vista o risco de viés. Todavia, é evidente a necessidade de investigações posteriores que esclareçam melhor a orfandade decorrente da atual pandemia, bem como a ingerência das desigualdades sociais no enlutamento de órfãos.

Palavras-chave: Orfandade; Pandemia; Luto infantil; Apego; Covid-19.

* Especialista em Transplante, por meio da Residência Integrada Multiprofissional em Atenção Hospitalar à Saúde, no Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC-UFC) e em Saúde Mental pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atua como psicólogo no Hospital Distrital Gonzaga Mota vinculado à Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza. CV: <http://lattes.cnpq.br/3025471879204552>

** Especialista em políticas e gestão de segurança pública pela Faculdade Ibra de Tecnologia (FITEC). Formação em Análise Comportamental Clínica pelo Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento (IBAC). Servidora pública municipal, atuando na área da Segurança Pública. CV: <http://lattes.cnpq.br/2972857245726675>

*** Pós-doutora e doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora associada dos cursos de graduação em Medicina da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e da Universidade Regional do Cariri (URCA). Docente do curso de graduação em Enfermagem da URCA e do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família (RENASF). CV: <http://lattes.cnpq.br/8560595563251523>

**** Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do curso de Graduação em Enfermagem da URCA. Pesquisadora do Grupo de pesquisa em Saúde Coletiva (GrupeSC-URCA). CV: <http://lattes.cnpq.br/6767360869167673>

***** Mestre em enfermagem pelo Programa de Mestrado Acadêmico da Universidade Regional do Cariri (URCA). CV: <http://lattes.cnpq.br/3928498895171437>



Who will wipe my tears? Notes on grief and orphanhood in the covid-19 pandemic in light of attachment theory

ABSTRACT

An integrative review aimed to understand, in the light of Attachment Theory, the impact of the loss of parents on the mental health of children orphaned by the COVID-19 pandemic. Searches were conducted from March to April 2022 in the databases: CINAHL, PsycNET, PubMed, Scopus, and Web of Science. Of the 121 articles initially reported, only five studies met the inclusion criteria. It is estimated that more than five million children were orphaned by SARS-CoV-2 worldwide, with a prevalence of paternal orphans, as well as those from family groups with less-favored socioeconomic conditions. Differences in the number of orphans were also found between countries. Complicated grief, depression, and post-traumatic stress disorder are identified as the main psychosocial impacts of parental loss. Given the scant evidence found and the secondary data source of the evaluated studies, generalizations cannot be made due to the risk of bias. However, the need for further investigations is evident to better clarify orphanhood due to the current pandemic, as well as the influence of social inequalities in the mourning of orphans.

Keywords: Orphanhood; Pandemic; Child grief; Attachment; Covid-19.

¿Quién enjugará mis lágrimas? Notas sobre el duelo y la orfandad en la pandemia de covid-19 a la luz de la teoría del apego

RESUMEN

Revisión integradora cuyo objetivo fue comprender, mediante la Teoría del Apego, el impacto de la pérdida de los padres en la salud mental de los niños huérfanos por la covid-19. Las búsquedas se realizaron de marzo a abril de 2022, en las bases de datos: CINAHL, PsycNET, Pubmed, Scopus y Web of Science. De los 121 artículos reportados inicialmente, solo cinco cumplieron con los criterios de inclusión. Se estima que más de cinco millones de niños quedaron huérfanos por el SARS-CoV-2 en todo el mundo, con predominio de huérfanos paternos, así como de niños procedentes de grupos con condiciones socioeconómicas menos favorecidas. También se observaron diferencias en el número de huérfanos entre países. Duelo complicado, depresión y trastorno de estrés postraumático se señalan como los principales impactos psicosociales de la orfandad. Dada la escasa evidencia encontrada y los datos secundarios de los estudios evaluados, no se pueden hacer generalizaciones, dado el riesgo de sesgo. Sin embargo, se evidencia la necesidad de realizar más investigaciones para esclarecer mejor la orfandad por covid-19, así como la influencia de las desigualdades sociales en el duelo de los huérfanos.

Palabras clave: Orfandad; Pandemia; Duelo infantil; Apego; Covid-19.



Com a crise sanitária de covid-19, 7.103.185 pessoas tiveram a vida ceifada por complicações desse vírus até 19 de outubro de 2020 em todo o mundo.² Evidências apontam a vulnerabilidade das crianças nesse contexto, tanto pelo período de latência desenvolvimental em que se encontram, como por todas as mudanças que a pandemia impôs na rotina em momentos de pico, desencadeando exposição prolongada a estresse, o que pode precipitar problemas de saúde mental a curto ou longo prazo (Albuquerque & Santos, 2021; Enumo et al., 2020; Lavigne-cerván et al., 2021; Linhares & Enumo, 2020; Loades et al., 2020; Schnaiderman et al., 2021).

Dentre as mudanças vivenciadas nos diferentes períodos dessa crise sanitária, destacam-se: o confinamento ao domicílio nos momentos críticos da pandemia; as aulas remotas em vez de presenciais; a maior exposição a telas; o luto na família, em consequência das mortes e das perdas associadas; o aumento da precarização do trabalho dos pais e dos níveis de desemprego, afetando, inclusive, as condições sociais das famílias; as restrições de atendimento em serviços de saúde (desde a suspensão das atividades de puericultura às limitações dos cuidados ofertados em saúde mental de forma presencial) em alguns locais, visando mitigar a exposição das famílias à covid-19 nos momentos de pico (Enumo et al., 2020; Lavigne-Cerván et al., 2021; Linhares & Enumo, 2020; Loades et al., 2020; Moraes et al., 2021; Schnaiderman et al., 2021).

Fortes pressões sociais, como em pandemias, podem desencadear crises no clã familiar, impactar as dinâmicas vinculares e a qualidade dos cuidados que os pais oferecem à sua prole (Cyr et al., 2012; Linhares & Enumo, 2020). Isso porque as condições de estresse intenso costumam ameaçar as necessidades psicológicas básicas, como os sentimentos de pertença e competência, podendo acentuar as dificuldades dos pais em atender às necessidades de seus filhos e privá-los de cuidados (Enumo et al., 2020).

De acordo com Bowlby (1998/2004a; 1981/2020), os efeitos da privação variam conforme os níveis de disponibilidade parental, podendo ser classificados em três categorias: a) privação parcial: afastamento físico temporário da mãe, ou de outra figura de apego, assim como por indisponibilidade emocional desse cuidador, podendo favorecer angústia e ambivalência afetiva da criança ao desejar intensa proximidade ou repulsa; b) privação quase total: indisponibilidade de um cuidador exclusivo que ajude o infante a imprimir sua singularidade na relação afetiva, sendo comum na experiência de institucionalização infantil; c) privação total: rompimentos de vínculos abruptos e permanentes entre a criança e seus cuidadores, ou parte deles, como o vivido pela morte dos genitores ou outras figuras parentais responsáveis por seu cuidado.

Estima-se que, até 30 de abril de 2021, mais de 1.130.000 crianças ficaram órfãs de mães, pais ou avós guardiões em todo o mundo (Hillis et al., 2021a). O Fundo das Nações Unidas para a Infância³ define como órfão a pessoa de até 18 anos que vivenciou a perda de um dos

² World Health Organization. (s.d.). WHO Coronavirus (covid-19) dashboard. <https://covid19.who.int/>

³ Fundo das Nações Unidas para a Infância. (2006). Africa's orphaned and vulnerable generations: Children affected by AIDS. <https://healtheducationresources.unesco.org/library/documents/africas-orphaned-and-vulnerable-generations-children-affected-aids>

pais. Culturalmente, a orfandade é entendida como a experiência de crianças que perderam o cuidador primário (um ou ambos os pais) ou o cuidador secundário (comumente avós com custódia ou que residem no mesmo domicílio do infante), podendo torná-las vulneráveis a problemas de saúde mental (Chu et al., 2022). De acordo com Franco e Mazorra (2007), essa perda dos genitores é uma das experiências mais marcantes que a criança pode vivenciar, pois há uma mudança irreversível, a perda da fonte primária de segurança; assim, o rompimento com o mundo presumido coloca a criança diante de sentimentos adversos como o desamparo e a impotência. O luto é o processo de elaboração dessa perda, o esforço afetivo e cognitivo necessário frente às mudanças acarretadas pela morte.

Face ao exposto, este artigo enseja compreender, pela ótica da Teoria do Apego (TA), o impacto da morte dos genitores na saúde mental de crianças órfãs em decorrência da pandemia de covid-19. A escolha da teoria formulada por John Bowlby, deve-se à sólida contribuição dessa vertente teórica na elucidação das dinâmicas vinculares desde a infância, cujo legado permitiu compreender a experiência da separação e/ou perda do genitor e seus efeitos ao longo da vida (Bowlby, 1958; 1989; 1998/2004a; 1985/2004b; 1982/2006; Mendes, 2021). Ao integrar fundamentos metodológicos de diversas disciplinas, como a etologia, a TA defende o apego como necessidade instintiva capaz de promover amparo e proteção em situações desafiadoras, sendo crucial ao Desenvolvimento Infantil (DI), haja vista as primeiras relações de apego vivenciadas na infância contribuírem para a formação dos modelos representacionais de si e do mundo, também chamados de *working models*, os quais se expressarão por todo o ciclo vital do indivíduo (Abreu, 2005; Bowlby, 1958; 1989; 1984/2002; Dalbem & Dell'aglio, 2005; Mendes, 2021; Moraes et al., 2022). À vista disso, pretende-se tematizar a orfandade na pandemia de covid-19 a partir da literatura sobre o assunto, discutindo os achados por meio do referencial teórico da TA.

Método

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, método que permite incluir, simultaneamente, pesquisas primárias de caráter experimental, quase-experimental e estudos teóricos, facultando maior variabilidade das informações sobre um dado fenômeno ou problema de investigação, além de evidenciar lacunas e caminhos para a condução de novas pesquisas (Ercole et al., 2014; Mendes et al., 2008; Whittemore & Knafl, 2005).

A elaboração desta revisão integrativa seguiu seis etapas: (1) formulação da questão de pesquisa; (2) definição de critérios de inclusão ou exclusão de estudos; (3) identificação das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; (4) análise dos estudos incluídos; (5) interpretação dos resultados; e (6) apresentação da revisão/síntese do conhecimento (Ercole et al., 2014; Mendes et al., 2008).

O estudo norteou-se pela seguinte questão: "Quais as implicações psicossociais da morte dos genitores na saúde mental de crianças órfãs em decorrência da pandemia de covid-19?". Utilizou-se o modelo PVO por abranger, respectivamente: P - Participantes (crianças), V - Variáveis (morte dos genitores, orfandade e pandemia de covid-19) e O -

Desfecho (implicações psicossociais) (Silva & Otta, 2014). Para essa revisão, consultaram-se, pelo portal de periódicos da CAPES, as seguintes bases de dados: CINAHL, PsycNET, Pubmed, Scopus e Web of Science.

Procedeu-se à busca de artigos nas referidas bases, considerando as variáveis que nortearam este estudo. Efetuou-se a busca avançada, a partir de consulta ao Medical Subject Headings (MESH) e aos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS), inserindo os descritores em três idiomas (português, inglês e espanhol), com operadores booleanos: "child orphaned OR crianças órfãs OR niños huérfanos" OR "parental death OR morte parental OR muerte parental" AND "covid-19 OR SARS-CoV-2" AND "child health OR saúde da criança OR salud del niño". O processo de busca e seleção dos artigos ocorreu entre março e abril de 2022, por dois revisores independentes.

Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos revisados por pares; disponibilizados em texto completo gratuitamente; publicados em português, inglês ou espanhol; no intervalo temporal de 2019 a abril de 2022, período que compreende os momentos de pico da crise sanitária do SARS-CoV-2. Excluíram-se textos de livros, dissertações e teses; bem como trabalhos que não se associavam ao tema de investigação.

Mediante a leitura dos títulos e resumos, identificaram-se os trabalhos elegíveis à leitura completa. Catalogaram-se os estudos selecionados numa planilha do Excel, registrando-se os dados a seguir: a) autor(es), ano e país; b) objetivo; c) desenho; d) população; e) amostragem; f) procedimentos de coleta; g) período de coleta; h) instrumentos; i) análise; j) resultado; k) nome do periódico; l) fator de impacto; m) vieses; n) principais conclusões.

A análise crítica dos artigos foi realizada por dois dos autores de forma independente, tendo havido percentual de concordância de 80%. As discrepâncias nas análises foram sanadas mediante o exame detalhado em conjunto pelos autores. A sistematização dos achados deu-se com base nas orientações do PRISMA - Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (Moher et al., 2009). Os resultados foram discutidos por meio de categorias temáticas, utilizando como referencial a Teoria do Apego de John Bowlby (1982/2006; 1984/2002; 1989; 1998/2004a; 1985/2004b). Ressalta-se que os cuidados éticos foram preservados, guiando-se pelos princípios que norteiam o processo de elaboração de revisões de literatura. Destarte, todos os artigos utilizados na análise ou fundamentação deste manuscrito foram citados e devidamente referenciados.

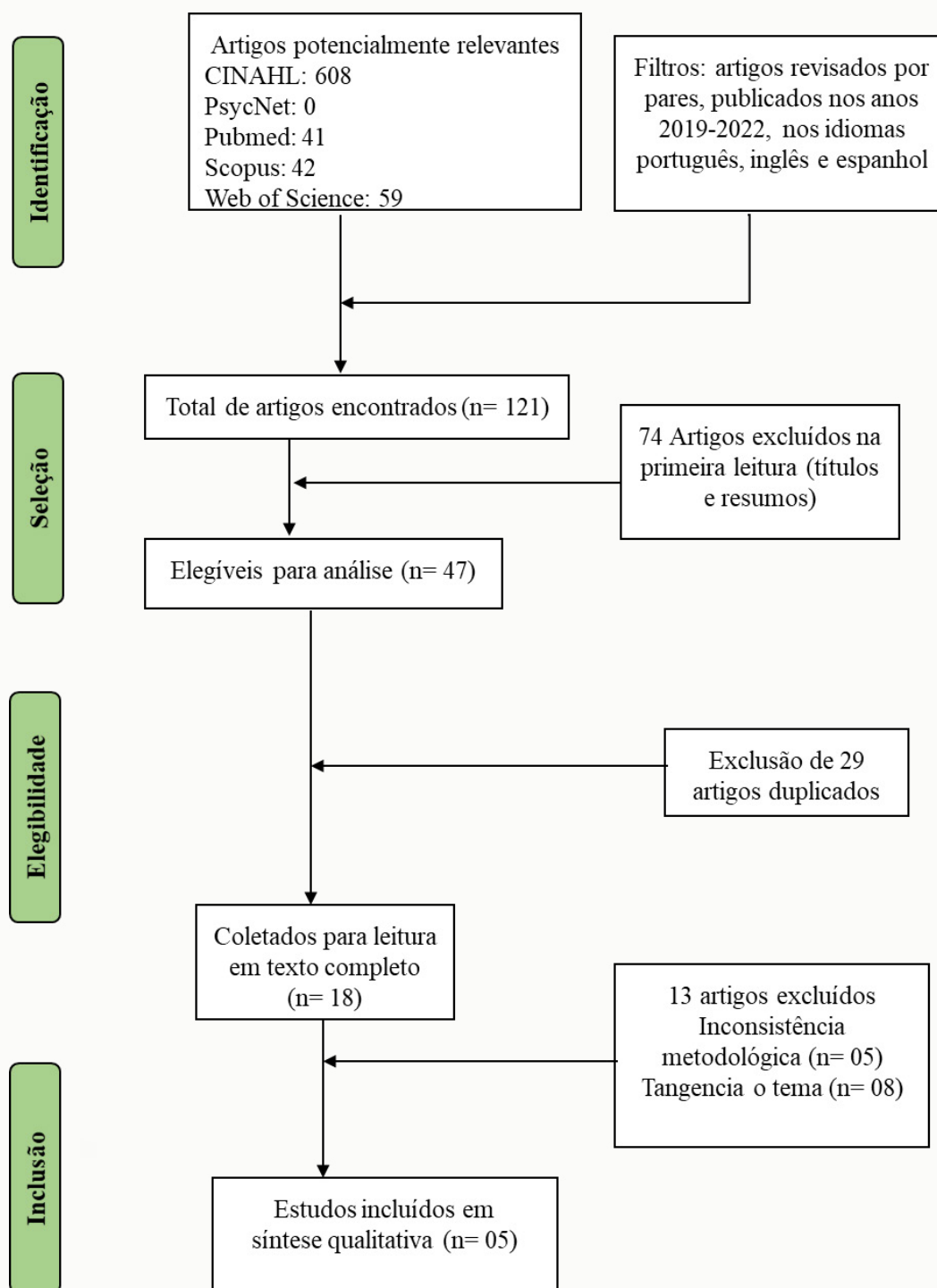
Resultados

A busca inicial reportou 750 referências. Incluíram-se os filtros: artigo (para tipo de material) e publicação revisada por pares. Também foram estabelecidas restrições idiomáticas e temporais, o que resultou em 121 trabalhos. Após leitura dos títulos e resumos, 74 publicações foram excluídas nesta primeira seleção por não se relacionarem ao tema desta revisão ou não atenderem aos critérios de inclusão.

Dessas, 47 referências foram elegíveis para análise, das quais 29 foram excluídas por duplicação. Leram-se, na íntegra, os 18 artigos restantes, reavaliando-se a adequação aos

critérios de inclusão estabelecidos. Nesta etapa, 13 artigos foram excluídos. Os motivos para a exclusão foram: oito tangenciavam o tema, abordando a orfandade por outras doenças e guerras, além dos direitos das crianças ao acesso a tratamentos adequados para covid-19; e cinco apresentavam lacunas quanto à metodologia empregada, como tipo de amostragem e estratégias adotadas para análise de dados. Dos 18, apenas cinco artigos cumpriam todos os critérios, sendo incluídos na análise qualitativa. A sistematização do processo de busca dos artigos encontra-se esquematizada na Figura 1.

Figura 1. Processo de busca e seleção dos artigos





Os estudos foram publicados nos anos de 2021 e 2022, sendo um realizado nos Estados Unidos, um no Reino Unido, dois multicêntricos e outro, por se tratar de um estudo teórico, não apresentou a localização geográfica dos estudos primários que os autores analisaram. No que concerne às fontes de publicação, encontraram-se um artigo em cada um dos periódicos a seguir: Pediatrics, BMJ pen, The Lancet, The Lancet Child Adolescent Health e Clinical Child Psychology and Psychiatry. O inglês foi o idioma prevalente nos artigos analisados.

A despeito do método empregado pelos estudos, um deles consiste em revisão narrativa de literatura, um em estudo misto, um estudo utilizou modelagem estatística observacional e outros dois artigos, apesar de não trazerem classificação, apresentam características de estudos observacionais. Dos cinco trabalhos analisados, um possui abordagem qualitativa, um mista e três quantitativa. Os dados dessas pesquisas foram coletados de 1º de março a 31 de outubro de 2021, contexto sanitário em que muitos países vivenciavam o pico da primeira onda pandêmica.

Tabela 1. Artigos selecionados para análise

Autores, ANo e País	Objetivo	Desenho	Resultados
Hillis et al. (2021b) Estados Unidos	Quantificar a perda de cuidadores e a orfandade associados ao covid-19 nos Estados Unidos por estado, usando dados de fertilidade e excesso de mortalidade por covid-19.	Estudo de modelagem observacional	Mais de 140.000 crianças nos Estados Unidos sofreram a morte de um pai ou avô cuidador. O risco foi maior entre grupos raciais e étnicos minoritários. Crianças indígenas americanas e ou nativas do Alasca; negras; hispânicas e asiáticas tiveram, respectivamente, 4,5; 2,4; 1,8 e 1,1 mais chances de perder um dos pais ou cuidador do que brancas não hispânicas.
Rapa et al. (2021) Reino Unido	Investigar como as famílias prepararam as crianças para a morte de um adulto significativo e como profissionais de saúde e assistência social prestaram apoio psicossocial às famílias quanto a perda de um parente durante a pandemia.	Estudo de métodos mistos	Muitas crianças não estavam preparadas para a morte de um adulto importante durante a pandemia. Os profissionais não deram apoio psicossocial que as famílias desejavam para facilitar a preparação. Os recursos foram menos disponíveis ou inadequados para as famílias durante a pandemia. Os profissionais referiram aumento das pressões laborais com a pandemia.

Hillis et al. (2021a) Multicêntrico	Modelar estimativas e taxas mínimas de mortes associadas ao covid-19 de cuidadores primários ou secundários de crianças menores de 18 anos.	Não especifica	Estima-se que 1.134.000 crianças sofreram a morte de cuidadores primários, incluindo pelo menos um dos pais ou avós guardiões. 1.562.000 crianças sofreram a morte de pelo menos um cuidador primário ou secundário. O número de crianças órfãs excedeu o número de mortes entre pessoas com idade entre 15 e 50 anos.
Unwin et al. (2022) Multicêntrico	Modelar o aumento no número de crianças afetadas pela orfandade associada ao covid-19 e morte de cuidador, bem como a distribuição e circunstância cumulativa de orfandade por faixa etária (orfandade materna ou paterna).	Estudo de modelagem observacional	Mais de 5,2 milhões de crianças, de 1º de março de 2021 a 31 de outubro de 2021, sofreram a morte de um cuidador primário ou secundário. No período de 30 abril a 31 de outubro de 2021, esse número aumentou em 90%. Proporcionalmente, mais adolescentes (10-17 anos) sofreram a morte de pais ou cuidadores, em relação a crianças mais jovens. Na maioria dos países, a morte de pais foi mais frequente que a de mães.
Liang et al. (2022) Não especifica	Destacar manifestações potenciais em crianças e adolescentes de luto por meio de atenção específica a meninos e homens jovens.	Revisão narrativa	A familiaridade com as variadas apresentações do luto juvenil pode aumentar a identificação de transtornos e facilitar a intervenção precoce. Jovens com problemas de saúde mental pré-existentz podem estar em maior risco de luto complicado. Comportamentos externalizantes e de risco podem ser exacerbados pela perda dos pais e devem obter respostas terapêuticas informadas sobre o trauma e atenção com encaminhamento a especialistas conforme necessário. A conscientização sobre problemas de saúde mental relacionados ao luto deve ser aumentada para mudar comportamentos de evitação e desconforto ao discutir morte e perda entre provedores e membros da família.

Discussão

Luto infantil e orfandade na Teoria do Apego

A TA exprime que os pais, além de prover recursos materiais mantenedores da vida dos filhos, também atuam enquanto figuras de apego, desempenhando papel basilar na regulação emocional das crianças ao ajudá-las a identificar, nomear, compreender e validar seus sentimentos; além de fornecer apoio em situações desafiadoras, como na perda de algo ou alguém amado (Abreu, 2005; Bowlby, 1984/2002; 1989; Mendes, 2021; Moraes et al., 2022; Tinoco & Franco, 2011). Quando um ou ambos os cuidadores parentais morrem, a criança órfã “perde o mundo que conhecia, aquele em que o genitor podia afastar-se e ao qual retornava” (Franco & Mazorra, 2007, p. 504). Essa perda abala o que ela tinha enquanto base segura, os pais, da qual podia se distanciar e regressar ao sentir alguma necessidade (Bowlby, 1982/2006; 1989): quer seja receber proteção em situações de perigo, consolo em contextos dolorosos ou reassseguramento ao se sentir inapta para enfrentar uma dada situação.

A morte do genitor vulnerabiliza o infante e, na ausência de suporte, aumenta os riscos de problemas psicológicos na idade adulta (Bowlby, 1985/2004b; Parkes, 2009; Tinoco & Franco, 2011; Zavaschi et al., 2002). Acredita-se que a separação e, principalmente, a perda definitiva dos pais tende a ser mais desorganizadora quando a criança não possui “alguém para assumir seu cuidado, não puder expressar seus sentimentos e tê-los compreendidos, tiver vivido perdas anteriores mal elaboradas e passar por novas perdas” (Tinoco & Franco, 2011, p. 428), o que denota a relevância do suporte familiar e social no contexto da orfandade.

Apesar da predisposição humana para estabelecer relações mutuamente gratificantes com outras pessoas, Bowlby (1958) defende que o amor é monotrópico. Isso implica dizer que não há substituição ou sobreposição de relacionamentos afetivos, quicá por isso a ruptura de uma relação cause tantos abalos. Se a separação – que consiste num afrouxamento do laço afetivo – perturba o modo habitual de funcionamento do indivíduo, a perda definitiva pela morte do genitor inaugura, para a criança, a ruptura de um vínculo, exigindo-se adaptação a uma realidade até então desconhecida, cuja ausência do familiar falecido pode demandar rearranjos de papéis entre os demais integrantes da família, sobretudo, ao genitor sobrevivente (Bowlby, 1985/2004b; 1998/2004a; Bromberg, 1994; Parkes, 2009; O'Connor, 2023; Worden, 2013).

Esse processo é conceituado como luto, o qual é mediado por aspectos inter e intrapsíquicos, implicando na reconstrução de significados para a vida e para o que foi perdido (Gillies & Neimeyer, 2006). Dentre os fatores que podem impactá-lo, destacam-se: a) a natureza do vínculo com a pessoa que faleceu, b) o papel que o falecido ocupava na vida do enlutado, c) as circunstâncias da perda, d) o padrão de apego do sobrevivente, e) as informações de que dispõe sobre a morte do familiar, f) o nível de maturidade cognitiva do enlutado, g) a participação no ritual fúnebre ou em outras possibilidades de despedida, h) o suporte social, (Albuquerque & Santos, 2021; Bowlby, 1985/2004b; Bromberg, 1994; Gillies & Neimeyer, 2006; Parkes, 2009; Santos et al., 2021; Stroebe & Schut, 1999; Worden, 2013).

Em virtude da latência desenvolvimental em que se encontram as crianças, o luto na infância abriga especificidades que impactam diretamente na compreensão desse fenômeno e na sua manifestação. São comuns reações (1) emocionais (tristeza, explosões de raiva, medo da morte ou de perder outro familiar), (2) cognitivas (dificuldade de concentração, o que pode afetar a aprendizagem naquelas com tenra idade escolar; fantasias de morte, incluindo ideias de reencontro com o familiar falecido e de restituição de laços afetivos, cuja intensidade varia conforme as informações que o infante dispõe sobre a perda e como a compreende, por exemplo se ele entende a irreversibilidade da morte ou não) e (3) comportamentais (negação da perda; agressividade; isolamento; identificação com o genitor falecido, podendo imitá-lo a fim de preservar memória; hostilidade ou até evitação da expressão dos sentimentos como forma de proteger o genitor sobrevivente, na tentativa de evitar nova perda por achar que seus afetos são inadequados e temer que expressá-los motive a rejeição do cuidador) (Albuquerque & Santos, 2021; Bowlby, 1985/2004b; Liang et al., 2022).

Independente da faixa etária, o enfrentamento do luto é entendido como um processo dinâmico e não linear. Por conseguinte, o Modelo do Processo Dual defende que o enlutado enfrenta o luto a partir da oscilação de duas classes comportamentais distintas: uma, chamada orientação para a perda, na qual confronta a ausência do ente querido e o pesar que essa situação causa; e outra, denominada orientação para a restauração, em que há o reinvestimento em projetos de vida e engajamento em outras tarefas para além da dor (Stroebe & Schut, 1999). Acredita-se que essa ambivalência contribui para a adaptação do enlutado à nova realidade, sem negar os desafios das mudanças e a dor que a perda proporciona.

Em virtude das crianças terem, frequentemente, a atenção mais voltada para o presente, da dificuldade de se lembrarem do passado (sobretudo as muito pequenas), da espontaneidade que costumam possuir e da maior tendência ao engajamento em atividades prazerosas, como brincadeiras, observa-se no enfrentamento do luto infantil uma maior inclinação para a restauração (Albuquerque & Santos, 2021). Isso pode favorecer interpretações equivocadas dos adultos por acharem que elas não sentem falta dos pais e, inconscientemente, levá-los a negligenciar cuidados (Bowlby, 1985/2004b). É mister destacar que sentir e expressar não são sinônimos, logo, é possível que haja crianças que sofrem no seu processo de luto e, ainda assim, se engajem em tarefas de socialização momentânea com os seus pares, o que demonstra a importância de um olhar ampliado quando se pensa na orfandade e no cuidado com o luto dos infantes.

Caracterização da orfandade na pandemia de covid-19

Os estudos analisados (Hillis et al., 2021a; 2021b; Liang et al., 2022; Rapa et al., 2021; Unwin et al., 2022) na presente revisão integrativa, evidenciam o panorama mundial sobre a orfandade na pandemia de covid-19, descortinando algumas das inúmeras vulnerabilidades vividas pelas crianças e suas famílias nesse ínterim. Tal cenário faz emergir discussões acerca da perda do cônjuge pelo genitor sobrevivente, dos desafios associados à parentalidade nessas condições, das implicações no desenvolvimento de órfãos e do papel do Estado e das políticas públicas.



Até 31 de outubro de 2021, mais de 5,2 milhões de crianças sofreram a morte de um cuidador primário ou secundário, excedendo o número total de óbitos por covid-19 naquele período, o que implica na proporção de uma criança órfã para cada óbito registrado (Unwin et al., 2022). Estudo não incluído na análise desta revisão, por não ter sido reportado nas bases de dados, no período de coleta, como o de Szwarcwald et al. (2022), aponta que no Brasil, entre 2020 e 2021, aproximadamente, 40 mil crianças e adolescentes (idade entre 0 e 17 anos) ficaram órfãos de mãe por covid-19. A taxa de orfandade apontada pelos autores foi de 7,5 a 10 mil menores de 18 anos. Já a pesquisa produzida por Unwin et al. (2022) estima o número de órfãos no Brasil, entre 1º de março de 2020 e 31 de outubro de 2021, em 169 mil. Mundialmente, até maio de 2022, a estimativa é de 7,5 milhões crianças órfãs; número que sobe para 10 milhões e 500 mil, quando se considera a perda dos pais ou responsáveis (Hillis et al., 2022). Embora os índices quantitativos sejam alarmantes, os dados revelam que os efeitos dessas perdas na saúde mental dos órfãos são incalculáveis. Estima-se acentuação do risco de transtorno depressivo, depressivo maior e Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) pelo contexto de perda (Liang et al., 2022). Além de luto complicado, quer seja inibido ou prolongado, sendo a falta de apoio social no momento da perda apontada como mediador negativo (Albuquerque & Santos, 2021).

Apesar das proporções globais, o impacto da pandemia foi diferenciado sobre os países, evidenciando-se maior número de mortes de cuidadores primários na África do Sul, no Brasil, nos EUA, na Índia, no México e no Peru (Hillis et al., 2021a). Por outro lado, 65% das órfãs de cuidadores primários pertenciam a minorias raciais e étnicas nos EUA, incluindo indígenas americanos e/ou nativos do Alasca, negras, hispânicas e asiáticas (Hillis et al., 2021b). Além de maior número de órfãos paternos (76,5%) do que maternos (23,5%) (Unwin et al., 2022), suscitando discussões sobre as questões de gênero e suas possíveis implicações na adesão às medidas preventivas em países como o Brasil, cuja cultura é influenciada pelo machismo e patriarcado, o que lança luz sobre a ingerência dos aspectos sociais nos indicadores de saúde e suas reverberações nas crianças órfãs. Em 2020, a revista *The Lancet* já havia apontado, num editorial, as dificuldades das populações vulneráveis em aderir às estratégias de prevenção e controle da covid-19, sinalizando que as crianças egressas de famílias com maior limitação de recursos estavam ainda mais vulnerabilizadas nesse contexto, principalmente aquelas cujos pais tinham empregos informais e não podiam trabalhar de casa. Fica nítida, então, a necessidade de implementação de políticas públicas para as crianças órfãs.

Dessa forma, estudos realizados no contexto pandêmico (Hillis et al., 2021a; Banati & Idele, 2021) sugerem iniciativas de apoio aos órfãos e aos seus familiares sobreviventes, perpassando ações no âmbito econômico (distribuição de alimentos, atividades de geração de renda, visando fortalecer economicamente as famílias, como forma de favorecer a permanência da criança junto ao genitor sobrevivente ou a família ampliada); sanitário (acesso integral à saúde, com distribuição de vacinas e cuidados multiprofissionais que considerem as múltiplas demandas que a criança possa apresentar); e psicológico (fornecendo apoio e cuidados especializados aos que necessitem, dado o potencial traumatogênico do cenário pandêmico na vida dos órfãos, além de programas para fortalecer os pais sobreviventes). Tais estratégias

objetivam fortalecer os cuidadores parentais sobreviventes e prevenir a institucionalização infantil, haja vista seu potencial deletério no desenvolvimento cognitivo e socioemocional (Bowlby, 1998/2004a; 1981/2020; Hillis et al., 2021a).

Indubitavelmente, os aspectos sociais, os estressores a ele relacionados e a saúde mental dos genitores sobreviventes influenciam na sensibilidade parental e na disponibilidade do cuidado ao infante também em contexto pandêmico, o que suscita discussões sobre a intersecção entre apego e políticas públicas. Acerca disso, Mendes assinala que

se não pensarmos seriamente, como política de governo, em oferecer as melhores condições possíveis para as cuidadoras e para os cuidadores, estaremos fadados a ver a multiplicação, por gerações, das consequências desastrosas das dificuldades emocionais. Grupos tradicionalmente oprimidos, como indivíduos negros, imigrantes de países mais pobres ou pessoas vindas de áreas menos favorecidas do país que se aglomeram nos centros urbanos em busca de sobrevivência, precisam de atenção redobrada para que lhes sejam ofertadas condições adequadas para a criação de filhos, ou mesmo a educação e o suporte para reflexão e decisão de quando tê-los. Decisivamente, apego e política nunca podem ser desvinculados (Mendes, 2021, p. 88).

Orfandade: reflexões e recomendações sob a ótica da Teoria do Apego

Se na cultura ocidental ainda não se admite falar abertamente sobre a morte entre adultos, quem dirá com as crianças, que costumam ser vistas como frágeis. Frequentemente, essas só tomarão conhecimento da morte de um ente querido tempos depois. Não raras vezes, ao questionar sobre a ausência do familiar falecido, as crianças ouvem frases como “precisou viajar”, “foi levado para o céu” ou “está dormindo”, as quais tendem a ser entendidas de forma literal por crianças pequenas, e não enquanto metáforas, o que repercute em expectativas de retorno do ente morto, sobretudo, quando se trata do genitor com quem o infante partilhava boa relação (Bowlby, 1985/2004b). Afinal, a realidade que se instaura na vida de um órfão é soberana e, em algum momento, ele questionará o paradeiro do pai, ficando, por vezes, a encargo do genitor sobrevivente a missão de comunicar a morte.

Um estudo com pais de crianças enlutadas na pandemia de covid-19 (Rapa et al., 2021), aponta que muitos referiram não saber como comunicar a elas a morte de um adulto significativo, preocupando-se em como reagiriam à notícia e os impactos que poderiam sofrer, tendendo a excluí-las desse processo sob a prerrogativa de protegê-las. Embora tal atitude seja revestida de compaixão, questiona-se: a quem serve essa proteção? Aos adultos, por não precisarem se defrontar com a impotência sentida ao ver o sofrimento daqueles que necessitam dos seus cuidados, ou às próprias crianças? Afinal, elas sentem, de seu modo, a ausência provocada pela morte do familiar, principalmente quando o falecido é o seu genitor.

Segundo Bowlby (1985/2004b, p. 311), “as crianças percebem facilmente quaisquer sinais. Quando os pais têm medo de sentimentos, os filhos escondem suas emoções. Quando o pai prefere o silêncio, os filhos, mais cedo ou mais tarde, deixarão de fazer perguntas”. Diante

dessas circunstâncias que despertam alguma curiosidade, a ausência de uma comunicação acessível e afetuosa com a criança, sobre a morte do genitor, dificulta a participação dela no luto familiar e no enfrentamento coletivo da perda, podendo contribuir em mecanismos defensivos e contenção do pesar. Por conseguinte, defende-se a participação das crianças no luto familiar, conforme seus interesses, recursos cognitivos e psicoafetivos, sendo de grande valia dispor de figuras de apego que validem suas emoções e lhes forneçam o apoio de que necessitam. Mais relevante que roteiros acerca do que dizer, é sobre como e quem comunicará a notícia para a criança, sendo mister possuir disponibilidade emocional, tempo e vínculo prévio.

Se tal função ficar ao encargo do genitor sobrevivente, é válido ressaltar que esse também está enlutado, enfrentando a perda do cônjuge e os desafios adicionais que esse luto provoca na família nuclear, como assumir novos papéis, gerenciar o lar, provisão financeira do clã e tomada de decisões a sós, não mais compartilhadas (caso esse fosse o padrão familiar pregresso), além de lidar com a ruptura da identidade conjugal (Bowlby, 1985/2004b; Parkes, 2009; Worden, 2013). Logo, é razoável imaginar que ele necessitará dispor de uma rede de apoio efetiva, composta por integrantes da sua própria família e da do cônjuge (pais, irmãos, tios, primos e avós), pela comunidade (amigos, colegas de trabalho, vizinhos, líder da comunidade ou pastoral que possa ter vínculo) e, em circunstâncias específicas, por suporte especializado (psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais) que lhes auxiliem no que for necessário.

A partir das proposições da TA acerca do luto infantil, entende-se que o suporte ao pai ou à mãe sobrevivente é condição *sine qua non* no cuidado dos órfãos. Visto que na vivência de intenso sofrimento pelo genitor, os cuidados parentais podem ser afetados, resultando em menor sensibilidade aos estados afetivos do filho e menor responsividade às suas necessidades (Cyr et al., 2012; Moraes et al., 2022). Nesse sentido, a oferta de apoio ao cuidador parental sobrevivente é basilar, efetivando-se por meio da relação de confiança na qual ele se sinta seguro para manifestar o pesar, expressar os sentimentos em torno do luto, modelar seu comportamento a partir do suporte recebido de pessoas que lhe são fontes de segurança e, também, sinta-se encorajado para conversar com o filho sobre a morte do progenitor (Bowlby, 1985/2004b). Já que, conforme assevera Bowlby (1985/2004b, p. 311), “só quando lhe damos informações exatas, simpatia e apoio, é que podemos esperar que uma criança ou adolescente reaja à perda com algum realismo”.

À vista disso, as intervenções psicossociais em luto são classificadas em três níveis (primária, secundária e terciária) com objetivos, público-alvo, contextos e ações terapêuticas específicas a cada uma delas (Santos, 2019). As intervenções primárias se destinam a todos os enlutados que enfrentam a perda de alguém próximo, a partir de ações que visem à informação, à expressão e à validação do pesar. Por outro lado, a intervenção secundária é voltada àqueles com riscos iminentes de complicações do luto, por meio de estratégias de cuidado que busquem promover o alívio dos fatores de risco já instalados, mediante a oferta de suporte por profissionais treinados ou especializados em saúde mental. Já a intervenção terciária se aplica aos que experienciam complicações na vivência do luto, sendo a psicoterapia a principal medida terapêutica e, em casos específicos, intervenção medicamentosa após a avaliação psiquiátrica (Santos, 2019). No tocante à orfandade, é crucial a garantia do acesso a essas

intervenções conforme as necessidades específicas dos genitores sobreviventes, cabendo avaliação cuidadosa de cada situação.

Limitações dos achados

Os estudos analisados nesta revisão integrativa não fazem referência ao impacto social na elaboração do luto em órfãos provenientes de classes menos favorecidas, o que indica a necessidade de investigações posteriores com o objetivo de avaliar a influência dos estressores atrelados às desigualdades sociais no enlutamento. É preciso conhecer de que modo as famílias estão se reajustando, quais estratégias e recursos estão utilizando e quais suportes têm recebido dos serviços sociais e de saúde, conforme o aludido.

A presente revisão desvela o ínfimo número de estudos encontrados, os quais refletem a incipiência de discussões sobre a orfandade por covid-19 e a necessidade de pesquisas sobre o constructo em foco. Em razão disso, não se pode fazer generalizações, tampouco inferir o impacto psicológico da orfandade nas diferentes faixas etárias. Embora se saiba que o desenvolvimento do apego seja mediado por estágios (pré-apego, formação do apego, nitidez do apego e relação recíproca), os quais se iniciam nos primeiros 24 meses de vida do bebê, cursa alinhado à capacidade da criança em diferenciar a figura de apego e perda por todo o ciclo vital (Bowlby 1984/2002), as evidências não sustentam afirmações de que bebês não sofram com a perda dos genitores. Isso reforça a ideia de que mesmo as crianças muito pequenas sentem, de seu modo, a orfandade.

O período de coleta de artigos nesta revisão, igualmente, pode ser apontado como limitação, uma vez que se trata de um tema emergente, cujas produções científicas podem ser atualizadas constantemente. A metodologia dos estudos analisados também foi um fator limitador, considerando os estudos teóricos incluídos nesta revisão, pois a prevalência de investigações com dados secundários pode resultar em vieses na interpretação dos achados. Além disso, a subnotificação de mortes em alguns países também pode ter afetado as projeções de órfãos evidenciadas em algumas pesquisas, culminando na subestimação dos reais números (Hillis et al., 2021b).

Considerações Finais

A pandemia de covid-19 impactou significativamente todos os que a vivenciaram, causando perdas de diversas naturezas, transformações profundas nas relações e a necessidade de se reinventar diante de uma nova realidade, vistas as mudanças que se fizeram primordiais para a travessia dessa crise. Dela resultaram marcas intensas, as quais ainda são muito recentes para serem compreendidas de forma ampla. Porém, sua influência no modo de experienciar os vínculos, os quais foram diretamente afetados, dada a nossa natureza relacional, é sabida e notória. O alto número de órfãos devido à covid-19 é significativo e tem reverberações psicossociais, a saber: impacto negativo na saúde mental dos órfãos, risco aumentado de vulnerabilidade socioeconômica e questões ligadas à proteção social. Os impactos psicossociais perduram no tempo e podem afetar a retomada das atividades cotidianas, a elaboração de

planos futuros e prejudicar o desenvolvimento de novos vínculos, além das consequências emocionais, comportamentais e cognitivas na vida das crianças órfãs. Assim, este estudo contribui com a compreensão do impacto da perda dos genitores na saúde mental dos órfãos em decorrência da pandemia de covid-19, articulando as evidências encontradas com a TA e alguns dos seus pressupostos.

Há estressores comuns na orfandade no cenário das pandemias, dentre os quais é possível apontar o receio de contaminação, perdas e morte; o isolamento social; o aumento da incerteza quanto ao futuro; a reorganização dos serviços de saúde, para adaptação ao contexto pandêmico, e o aprofundamento das vulnerabilidades. Contudo, o contexto da covid-19 fornece ao luto infantil nuances peculiares, pois há aspectos característicos dessa pandemia que o dificultam sobremaneira, como a mudança – ou restrição, em alguns casos – dos rituais de despedida e as limitações no acesso ao suporte social e profissional. Vale destacar que, no âmbito dessa crise, o luto infantil deu-se em um ambiente permeado por estímulos aversivos por se tratar de uma crise sanitária, econômica e social de escala mundial, com um número exorbitante de vítimas e ocorrida na era da tecnologia, o que influenciou diretamente as relações com o outro, consigo e, conseqüentemente, os vínculos humanos. A análise dos dados revela maior número de órfãos paternos, bem como de crianças egressas de grupos familiares com condições socioeconômicas menos favorecidas. Divergências no número de órfãos entre os países também foram encontradas. Luto complicado, quadro depressivo e transtorno de estresse pós-traumático despontam como principais impactos psicossociais da perda parental. Percebe-se o quanto a orfandade vulnerabiliza os infantes, bem como o genitor sobrevivente, o qual também necessita de apoio psicossocial a fim de que possa experienciar o seu próprio luto sem se desvencilhar do seu papel enquanto base segura para a criança.

À luz das evidências e dos pressupostos da TA, defende-se a integração das crianças no luto familiar, conforme seus interesses e compreensões acerca desse processo, principalmente, quando o ente falecido é o seu genitor. Embora não se tenha tematizado as condições de enlutamento infantil em famílias cujas crianças vivem sob a custódia dos avós (quer seja por abandono parental, decisão judicial ou mesmo morte dos pais), hipotetiza-se que a perda do ancião, no contexto pandêmico, pode ser uma experiência ainda mais desafiadora para o órfão, que pode desencadear sensação de desamparo adicional, demandando debates mais aprofundados que extrapolam os objetivos da presente revisão. Isso posto, percebe-se a influência dos determinantes sociais em saúde na orfandade. Além do que, múltiplos fatores, como o gerenciamento de risco variável entre as nações, a estruturação dos sistemas de saúde, a vacinação e os aspectos culturais de cada país, mostraram-se elementos influentes na percepção de risco e adesão às medidas profiláticas.

Referências Bibliográficas

- Abreu, C. N. (2005). Teoria do Apego: Fundamentos, pesquisas e implicações clínicas. Casa do Psicólogo.
- Ainsworth, M. D. (1969). Maternal sensitivity scales. *Power*, 6, 1379-1388.
- Albuquerque, S., & Santos, A. R. (2021). In the same storm, but not on the same boat: Children grief during the covid-19 pandemic. *Frontiers in Psychiatry*, 12, 638866. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2021.638866>
- Banati, P., & Idele, P. (2021). Addressing the mental and emotional health impacts of covid-19 on children and adolescents: Lessons from HIV/AIDS. *Frontiers in Psychiatry*, 12(980). <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8257927/>
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39(5), 350-373.
- Bowlby, J. (1989). Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego. Artes Médicas.
- Bowlby, J. (2002). Apego e perda, Vol. 1. Apego: A natureza do vínculo. Martins Fontes. (Original publicado em 1984).
- Bowlby, J. (2004a). Apego e perda, Vol. 2. Separação: Angústia e raiva. Martins Fontes. (Original publicado em 1998).
- Bowlby, J. (2004b). Apego e perda, Vol. 3. Perda: Tristeza e depressão. Martins Fontes. (Original publicado em 1985).
- Bowlby, J. (2006). Formação e rompimento dos laços afetivos. Martins Fontes. (Original publicado em 1982).
- Bowlby, J. (2020). Cuidados maternos e saúde mental. Martins Fontes. (Original publicado em 1981).
- Bromberg, M. H. P. F. (1994). A psicoterapia em situações de perda e luto. Livro Pleno.
- Chu, D. T., Thi, H. V., Al-Tawfiq, J. A., & Memish, Z. A. (2022). Children orphaned by covid-19: A grim picture and the need of urgent actions. *Travel Medicine and Infectious Disease*, 50. <https://doi.org/10.1016/j.tmaid.2022.1W02446>
- Cyr, C., Dubois-Comtois, K., Michel, G., Poulin, C., Pascuzzo, K., Losier, V., Dumais, M., Laurent, D., & Moss, E. (2012). Attachment theory in the assessment and promotion of parental competency in child protection cases. In M. R. N. M. B. C. (Ed.), *Child abuse and neglect: a multidimensional approach* (pp. 63-86). IntechOpen.
- Dalbem, J. X., & Dell'aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: Bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24.
- Enumo, S. R. F., Weide, J. N., Vicentini, E. C. C., Araujo, M. F., & Machado, W. L. (2020). Enfrentando o estresse em tempos de pandemia: Proposição de uma cartilha. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e200065. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200065>

Ercole, F. F., Melo, L. S. D., & Alcoforado, C. L. G. C. (2014). Revisão integrativa versus revisão sistemática. *Revista Mineira de Enfermagem*, 18(1), 9-12.

Franco, M. H. P., & Mazorra, L. (2007). Criança e luto: Vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(4), 503-511. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400009>

Gillies, J., & Neimeyer, R. (2006). Loss, grief and the search for significance: Toward a model of meaning reconstruction in bereavement. *Journal of Constructivist Psychology*, 19(1), 31-65. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1080/10720530500311182>

Hillis, S. D., Unwin, H. J. T., Chen, Y., Cluver, L., Sherr, L., Goldman, P. S., Ratmann, O., Donnelly, C. A., Bhatt, S., Villaveces, A., Butchart, A., Bachman, G., Rawlings, L., Green, P., Nelson, C. A., & Flaxman, S. (2021a). Global minimum estimates of children affected by covid-19-associated orphanhood and deaths of caregivers: A modelling study. *The Lancet*, 398, 391-402. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(21\)01253-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(21)01253-8)

Hillis, S. D., Blenkinsop, A., Villaveces, A., Annor, F. B., Liburd, L., Massetti, G. M., Demissie, Z., Mercy, J. A., Nelson, C. A., Cluver, L., Flaxman, S., Sherr, L., Donnelly, C. A., Ratmann, O., & Unwin, H. J. T. (2021b). Covid-19: associated orphanhood and caregiver death in the United States. *Pediatrics*, 148(6). <https://doi.org/10.1542/peds.2021-053760>

Hillis, S., Ntwali N'konzi, J.-P., Msemburi, W., Cluver, L., Villaveces, A., Flaxman, S., & Unwin, H. J. T. (2022). Orphanhood and caregiver loss among children based on new global excess covid-19 death estimates. *JAMA Pediatrics*, 176(11), 1145-1148. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2022.3157>

Lavigne-Cerván, R., Costa-López, B., Mier, R. J. R., Real-Fernández, M., León, M. S. M., & Navarro-Soria, I. (2021). Consequences of covid-19 confinement on anxiety, sleep and executive functions of children and adolescents in Spain. *Frontiers in Psychology*, 12. Artigo 565516. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.565516>

Liang, N., Becker, T. D., & Rice, T. (2022). Preparing for the covid-19 paediatric mental health crisis: A focus on youth reactions to caretaker death. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 7(1), 228-237. 10.1177/13591045211061802

Linhares, M. B. M., & Enumo, S. R. F. (2020). Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia covid-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e200089. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>

Loades, M. E., Chatburn, E., Higson-Sweeney, N., Reynolds, S., Shafran, R., Brigden, A., Linney, C., McManus, M. N., Borwick, C., & Crawley, E. (2020). Rapid Systematic review: The impact of Social isolation and loneliness on the mental health of children and adolescents in the context of covid-19. *Journal of the American Academy of Child Adolescent Psychiatry*, 59(11), 1218-1239. <https://doi.org/10.1016%2Fj.jaac.2020.05.009>

Mendes, M. A. (2021). *A clínica do apego: Fundamentos para uma psicoterapia afetiva, relacional e experiencial*. Sinopsys Editora.

Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. D. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto: Enfermagem*, 17, 758-764. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & Prisma Group. (2009). Preferred reporting items for Systematic reviews and meta-analyses: The Prisma statement. *PLoS Medicine*, 6(7). <https://doi.org/10.1136/bmj.b2535>

Morais, J. L. M., Silva, P. H. A., Paiva, M. V. M., Soares, M. L., Martins, F. N. P., Neto, F. L., Pinheiro, P. N. C., Damasceno, L. S., Oliveira, M. Z. T., Moraes, L. A. J. C., Guerra, H. L. A., & Mourão, J. A. (2021). Interprofissionalidade no desenvolvimento infantil: o cuidado remoto do pet-saúde na pandemia da covid-19. *International Journal of Development Research*, 11(02), 44571-44574. <https://www.journalijdr.com/interprofissionalidade-no-desenvolvimento-infantil-o-cuidado-remoto-do-pet-sa%C3%BAde-na-pandemia-da>

Morais, J. L. M., Silva, P. H. A., & Cavalcante, C. M. (2022). O apego está na relação? Revisão sobre a sensibilidade materna no Brasil. *Revista de Psicologia*, 13(1), 112-125. <https://doi.org/10.36517/revpsiuvc.13.1.2022.9>

O'Connor, M. F. (2023). O cérebro de luto: Como a mente nos faz aprender com a dor e a perda. *Principium*.

Parkes, C. M. (2009). Amor e perda: As raízes do luto e suas complicações. *Summus*.

Rapa, E., Hanna, J. R., Mayland, C. R., Mason, S., Moltrecht, B., & Dalton, L. J. (2021). Experiences of preparing children for a death of an important adult during the covid-19 pandemic: A mixed methods study. *BMJ Open*, 11(8). <https://bmjopen.bmj.com/content/11/8/e053099>

Santos, G. C. B. F. (2019). Intervenção do profissional de saúde mental em situações de perda e luto no Brasil. *Revista M.: Estudos Sobre a Morte, os Mortos e o Morrer*, 2(3), 116-137. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2017.v2i3.116-137>

Santos, S., Sá, T., & Correia, T. (2021). Case report: Parental loss and childhood grief during covid-19 pandemic. *Frontiers in Psychiatry*, 12, 630325. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7928371/>

Schnaiderman, D., Bailac, M., Borak, L., Comar, H., Eisner, A., Ferrari, A., Giannini, G., Risso, F., Vetere, C., & Garibotti, G. (2021). Impacto psicológico del aislamiento por covid-19 en jóvenes de San Carlos de Bariloche, Argentina: La mirada de los padres. *Arch Argent Pediatr*, 119(3), 170-176. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1222869>

Silva, G. A., & Otta, E. (2014). Revisão sistemática e meta-análise de estudos observacionais em Psicologia. *Revista Costarricense de Psicología*, 33(2), 137-153. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=476747238004>

Stroebe, M. S., & Schut, H. (1999). The dual process model of coping with bereavement: Rationale and description. *Death Studies*, 23, 197-224. <https://doi.org/10.1080/074811899201046>

Szwarcwald, C. L., Boccolini, C. S., Almeida, W. S., Soares Filho, A. M., & Malta, D. C. (2022). Covid-19 mortality in Brazil, 2020/21: Consequences of the pandemic inadequate management. *Archives of Public Health*, 80(255). <https://doi.org/10.1186/s13690-022-01012-z>

The Lancet. (2020). Redefining vulnerability in the era of covid-19. *The Lancet*, 395(10230), 1089. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30757-1](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30757-1)

Tinoco, V., & Franco, M. H. P. (2011). O luto em instituições de abrigamento de crianças. Estudos de Psicologia (Campinas), 28(4), 427-434. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000400003>

Unwin, H. J. T., Hillis, S., Cluver, L., Flaxman, S., Goldman, P. S., Butchart, A., Bachman, G., Rawlings, L., Donnelly, C. A., Ratmann, O., Green, P., Nelson, C. A., Blenkinsop, A., Bhatt, S., Desmond, C., Villaveces, A., & Sherr, L. (2022). Global, regional, and national minimum estimates of children affected by covid-19-associated orphanhood and caregiver death, by age and family circumstance up to Oct 31, 2021: An updated modelling study. The Lancet Child & Adolescent Health, 6(4), 249-259. [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(22\)00005-0](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(22)00005-0)

Whittemore, R., & Knafl, K. (2005). The integrative review: updated methodology. Journal of Advanced Nursing, 52(5), 546-553. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16268861/>

Worden, J. W. (2013). Aconselhamento do luto e terapia do luto: Um manual para profissionais da saúde mental. Roca.

Zavaschi, M. L. S., Satler, F., Poester, D., Vargas, C. F., Piazenski, R., Rohde, L. A. P., & Eizirik, C. L. (2002). Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. Brazilian Journal of Psychiatry, 24(4), 189-195. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462002000400009>

Submetido em: 5 de setembro de 2024

Aprovado em: 26 de outubro de 2025